

O Rio Doce tem salvação, e velho marinheiro festeja

Pesquisador descobre que a quantidade de chuva no Vale do Rio Doce continua estabilizada nos últimos 50 anos

Texto e fotos NILO TARDIN

O Rio Doce, navegável? Por que não? responde convicto o professor Carlos Fernando Dalla, mestre em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Em suas pesquisas, ele descobriu que a quantidade de chuva no Vale do Rio Doce continua estabilizada nos últimos 50 anos.

Chove em média 1,3 mil mm/ano. "Nem tudo está perdido, os lençóis freáticos estão carregados. A saída está em criar matas de encostas visando impedir o assoreamento", adverte

Dalla, que leciona na Escola Agrotécnica Federal de Colatina (Eafcol).

Segundo ele, estudos para criar uma nova via de transporte no Rio Doce, feitos em 1978, concluíram a viabilidade da construção de dez barragens, 13 eclusas duplas e um canal de ligação mar no percurso de Ipatinga (MG) a Regência (ES).

Velho marinheiro. A imagem embaçada de um navio desafiando a correnteza de águas barrentas ainda povoam os sonhos de Ilton Epichim, 81 anos, o último tripu-

lante do vapor Juparanã. A nau movida à roda de popa cruzou o Rio Doce entre Colatina e Linhares até meados do século 20.

A navegação do Rio Doce chega ao fim no inverno de 1955, condenada pela drástica redução da lâmina d'água. A derrubada implacável da floresta a golpes de machado provocou o assoreamento dos canais de circulação. Ilton Epichim embarcou ainda jovem, aos 13 anos, na aventura de acompanhar seu pai, o comandante da Companhia de Navegação do Rio Doce, Pedro Epichim, um imigrante russo com

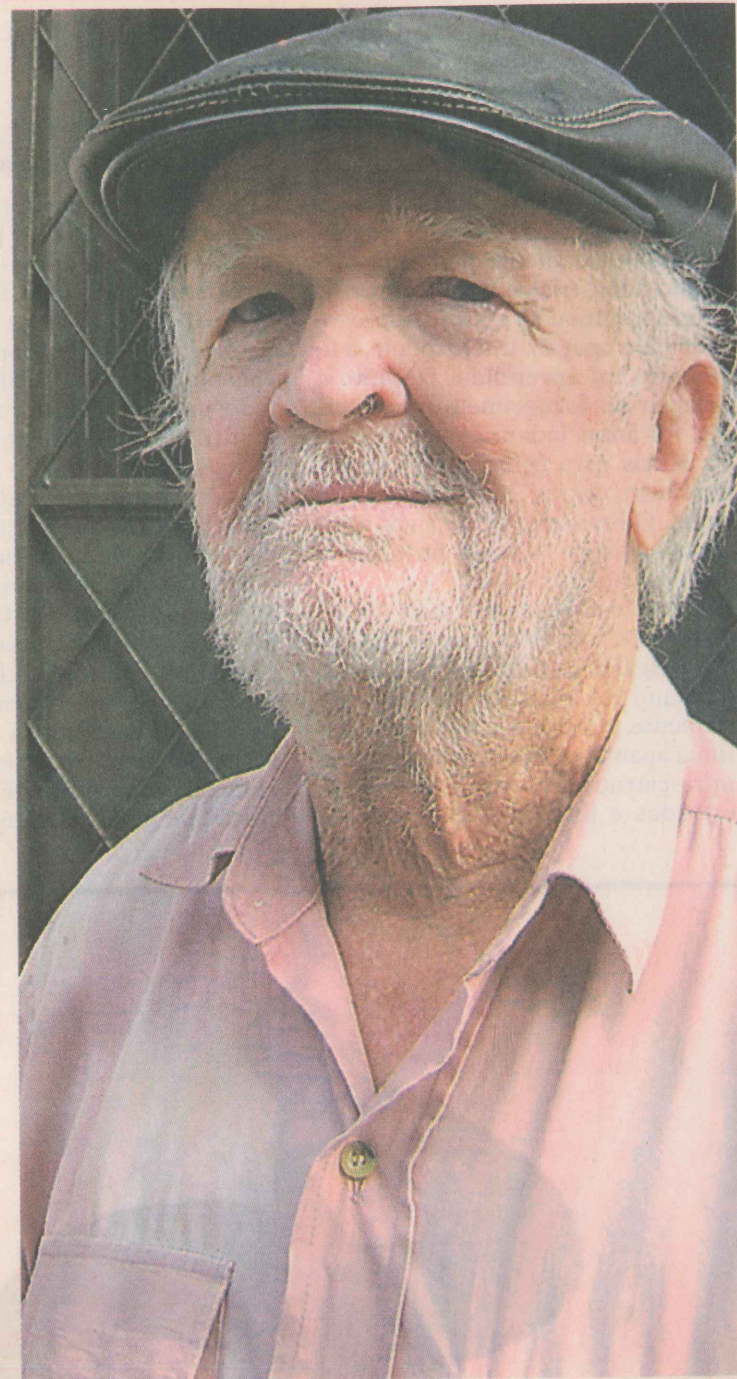
noções de ciência naval.

Sob as ordens do capitão Epichim, Ilton viveu mais de 20 anos a bordo do Vaporzinho com era conhecido pelos ribeirinhos. Na função de despachante, foi responsável pela cobrança das passagens e fretes. A memória viva de Ilton Epichim reconstrói detalhes do navio-gaiola sem registros nos apontamentos oficiais. Os feixes de lenha ficavam à espera do foguista em pontos de parada para tocar a caldeira do barco.

"Era muito econômico", resumiu. A cozinha servia refeições aos navegantes muitos vindo de Linhares para chegar à estação de trens de Colatina. As coberturas das casas ao longo da via fluvial eram feitas com telhas fabricadas em Colatina levadas em mãos pela tripulação do navio.

A fantástica visão de bandos de pássaros, animais em profusão nas margens do rio, além recordar as caçadas aos jacarés à noite. A carne ia direto para a panela do cozinheiro reforçando a alimentação da marujada. A desilusão do sobrevivente dos áureos tempos em que se navegava no Rio Doce, deixa marcas em seu rosto ao mencionar a morte do navio anos depois de encalhar em Colatina.

Hoje os bancos de areia es-



AVENTURA. Ilton Epichim sonha com um navio nas águas barrentas

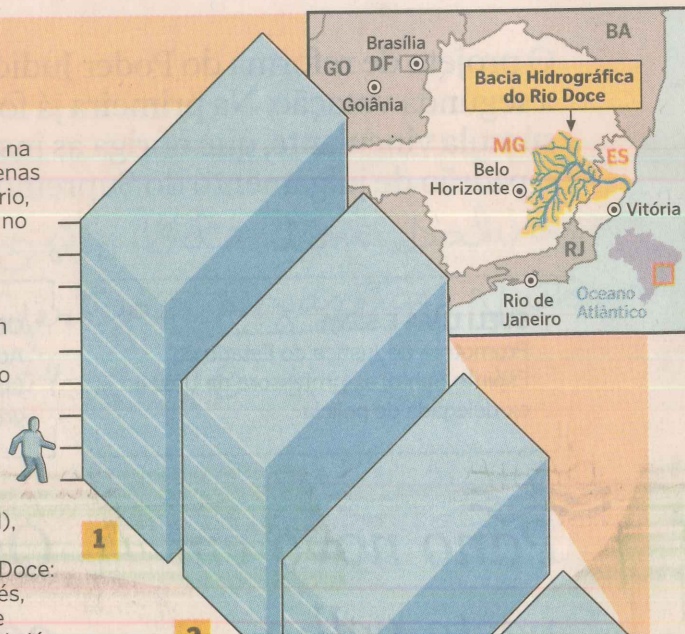
Navegação

A crise ambiental através dos anos

1 1840 Havia nove municípios na bacia hidrográfica. Apenas Linhares ficava às margens do rio, que era caudaloso e navegável no trecho do Baixo Rio Doce

2 1900 Mais 17 cidades foram criadas na bacia, 14 em Minas Gerais e três no Espírito Santo. A profundidade média do rio era de seis metros ou 25 palmos

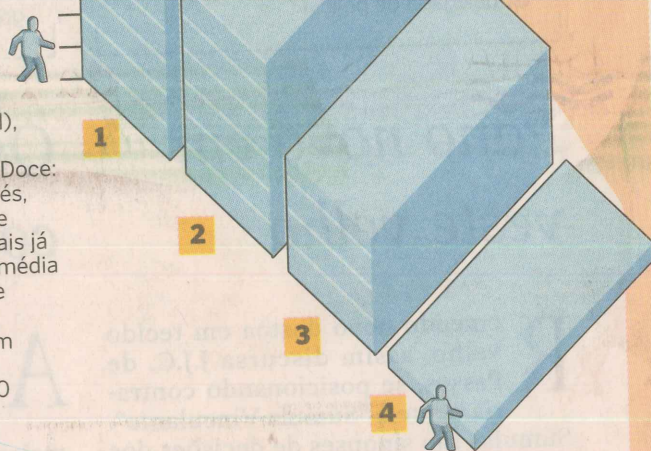
3 1940 Em consequência da construção da Estada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), iniciada em 1901, nasceram os municípios às margens do Rio Doce: Colatina, Baixo Guandu, Aimorés, Resplendor, Conselheiro Pena e



rio era de seis metros ou 25 palmos

3 1940 Em consequência da construção da Estada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), iniciada em 1901, nasceram os municípios às margens do Rio Doce: Colatina, Baixo Guandu, Aimorés, Resplendor, Conselheiro Pena e Governador Valadares. Os canais já apresentavam exaustão, com média de 3,5 metros de profundidade

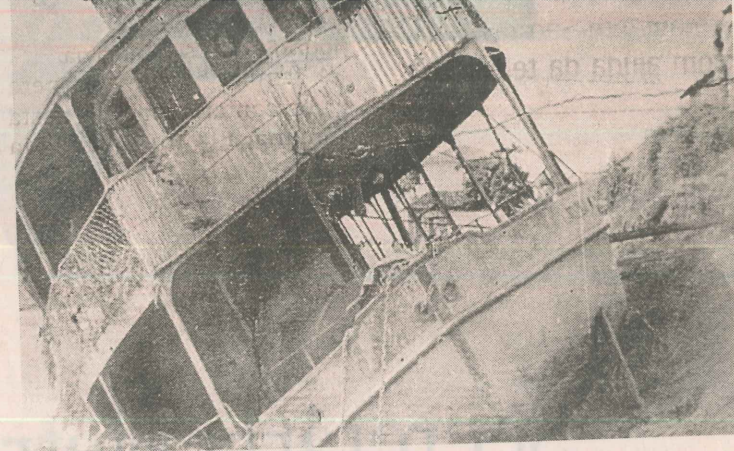
4 2004 Atualmente conta com 228 municípios. A lâmina d'água não passa de 40 centímetros, em média



A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

A desilusão do sobrevivente dos áureos tempos em que se navegava no Rio Doce, deixa marcas em seu rosto ao mencionar a morte do navio anos depois de encalhar em Colatina.

Hoje, os bancos de areia estrangulam o trecho de 145 quilômetros do baixo Rio Doce impedindo a passagem até pequenos botes na seca. Símbolo de uma era, o esqueleto do Juparanã desapareceu soterrado durante a construção da Avenida Beira Rio, nos anos 70.



FIM. O Juparanã, soterrado nos anos 70

Pouca documentação ameaça a história

A maior parte dos relatos da navegação do Rio Doce foram tragados pelo alçapão da história. Dentre a rara documentação espalhada pelo Brasil, consta o narrativo do capitão-de-coveta Veríssimo José da Costa, publicado na "Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro", em 1905.

Em linguagem barroca, o militar registra a vinda ao Rio Doce vistoriar a frota composta pelos navios Muniz Freire, Milagre e Santa Maria, além de descrever belas paisagens. A Cia de Navegação operava a todo vapor quando viajou por estes lados no começo do século. Antecederam o lendário Juparanã, os vapores Tupy e Tamoio. Ambos naufragaram nos anos 20.

O jornalista e memorialista colatinense Luiz Carlos Ma-

duro, hoje residente em Massachusetts (EUA), lembra, por telefone, a preocupação dos norte-americanos em preservar a memória dos religiosos Pelegrinos que deram origem aos EUA no século 16.

"Além de oito museus, Plymouth foi onde aportou o veleiro Mayflower, aqui reproduzido com perfeição histórica", disse. Ele critica o desleixo do Estado ao deixar o Juparanã apodrecer até ser enterrado pelo progresso que ajudou a construir.

O jornalista sugere a montagem de uma réplica para conhecimento das novas gerações. O servidor público Jorge Firmino confirma o sepultamento do Juparanã, em 1975, quando trabalhou no aterro para a construção da Beira-Rio.

SAIBA MAIS

■ **Rio Doce.** Nasce a 1,2 mil metros de altitude nas encostas da Serra da Mantiqueira e do Espinhaço

■ **Bacia.** A bacia hidrográfica possui 83,4 mil km², tem 853 km de extensão, de Ressaquinha(MG) até Regência (ES)

■ **Habitantes.** A região compreende 228 cidades (202 em Minas e 26 no ES),

com uma população de 3,1 milhões

■ **Porte.** Abriga o maior complexo siderúrgico da América Latina

■ **Comitê.** A crise ecológica despertou os ambientalistas, e foi criado o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, em 25 de janeiro de 2002. Fonte: Agência Nacional de Águas (ANA)